

## KUNG FU LOUVA-A-DEUS TAI CHI: TRADIÇÃO E ORALIDADE

EDWARD DUTRA DOS ANJOS<sup>1</sup>; JOÃO FERNANDO IGANSI NUNES<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – edwddu@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – fernandoigansi@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Nosso trabalho de pesquisa se debruça sobre o patrimônio cultural do Kung Fu Louva-a-deus Tai Chi no Rio Grande do Sul e as dimensões simbólicas da memória social desta arte marcial. A partir de nossos levantamentos bibliográficos, identificamos uma carência de estudos e pesquisas focadas nos aspectos que tangenciam a vivência e a realidade dos seus sujeitos, buscando compreender e, assim, preservar e promover sua tradição.

A partir do aporte metodológico proposto pelo campo de pesquisa da memória social e do patrimônio cultural, direcionamos a realização da identificação, caracterização e análise da arte marcial através da interpretação dos seus modos de ser e viver, buscando compreender a formação e permanência da comunidade Louva-a-deus Tai Chi [compreendendo “comunidade” sendo da ordem da “convivência”, do que lhe é e deve permanecer “comum”].

Considerando o registro das narrativas dos difusores do estilo uma importante porção do trabalho, tratamos o objeto de investigação a partir das ferramentas metodológicas da História Oral. Para tanto, foram elaborados e aplicados roteiros semi-estruturados de entrevista para que se possa ter maior aproximação com os “mestres” da arte marcial e, desta maneira, produzir registros dos seus princípios e valores de pertencimento. Ou seja: trazer à “luz” o quê e como lembram e transmitem o que aprendem através da oralidade e das técnicas dessa cultura lúdica e filosófica. O Kung Fu encerra em si uma complexa rede de elementos que constituem uma linguagem própria formada por signos representativos de um tempo e espaço que . JÔ GONDAR (2016) nos impõe a aceitar e compreender quando explicita que *“Tanto os signos simbólicos (palavras orais e escritas) quanto os signos icônicos (imagens desenhadas ou esculpidas), e mesmo os signos indiciais (marcas corporais, por exemplo), podem servir de suporte à construção de uma memória.* (GONDAR, 2016, p.20)”.

Assim, compreender como são recebidas e transmitidas estas memórias, torna-se um complexo processo de análise e coleta de dados, para que a partir destas coletas e registros, possamos entender como os *sifus* do Kung Fu são tocados por essas identidades que aos ocidentais, são incomuns. Conforme HALBWACHS (1950) nossos gostos e muito da nossa subjetividade estão perpassados por uma série de valores particulares e de princípios sociais que podem ou não ser compreendidos de forma objetiva. Nesse sentido, ao voltar nosso olhar para esta tradição cultural chinesa, consideramos o quanto esses signos, alguns sutis e outros não, impactam seus praticantes e reverberam a tradição do Kung Fu, potencializando a prática e a continuidade de um conhecimento ancestral.

## **2. METODOLOGIA**

Nossa metodologia se volta para a dimensão qualitativa, utilizando para este trabalho de roteiros semi-estruturados de entrevistas, voltados para as noções de História de Vida e Tradição Oral. Nos baseamos nas proposições de entrevistas de Paul Thompson (1998), para a elaboração dos roteiros, buscamos trabalhar perguntas abrangentes, de forma que o diálogo possa ser estabelecido de maneira ampla e permita que o entrevistado possa expressar e aprofundar suas respostas, tornando o ambiente mais confortável e seguro (1998, p.258).

A proposta visa aplicar os roteiros de entrevista para os representantes do estilo Louva-a-deus Tai Chi no Brasil. Assim, buscaremos compreender como a arte marcial integra a vida dos seus partícipes e o quanto dela é assimilada ao cotidiano dos sujeitos.

A partir da coleta de dados, passaremos para a análise do material coletado, buscando compreender como o Kung Fu se relaciona com a dimensão dos conceitos de memória e identidade, bem como, com a noção de Tesouros Humanos Vivos e a manutenção de tradições através da oralidade, em um sentido de preservação através da propagação. As entrevistas visam compreender se a arte marcial integra a vida dos professores e como essa integração ocorre. Conforme CANDAU (2012), a transmissão de conhecimentos dessa ordem é o que podemos entender como tradição, trata-se de um processo de integração de indivíduos em um dimensão cultural que outrora não era comum à eles, para que então possam ser reconhecidos e integrados ao grupo. Na dimensão marcial, podemos pensar que essa integração demanda o conhecimento de uma série de mecanismos complexos. Essas mecânicas se expressam nos trejeitos corporais, na comunicação, no reconhecimento e entendimento das dinâmicas sociais do ambiente marcial. Ainda, pode-se perceber que elas se estendem até uma dimensão mais filosófica e conceitual, exigindo uma certa percepção do mundo ao seu redor, que é muito particular daqueles que estão imersos nessa realidade das artes marciais.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Como resultados preliminares do trabalho, podemos mencionar a primeira realização de entrevista, com o representante do Louva-a-deus Tai Chi no Brasil, mestre Li Hon Shui. Este primeiro roteiro foi aplicado com uma sequência com cerca de trinta perguntas, que no decorrer de nossa conversa, buscamos flexibilizar para que o entrevistado pudesse se sentir à vontade e seguro para estabelecer um diálogo fluido e espontâneo. Assim, atualmente dispomos de um material de cerca de duas horas de conversa. Em um primeiro momento, realizamos a transcrição da entrevista, em seguida, passamos a trabalhar na análise teórica do conteúdo, a partir da ótica dos estudos no campo de memória social.

Através do material coletado, foi possível identificar nas falas, diversos elementos que nos favorecem a melhor compreender as dimensões culturais do Kung Fu, bem como, sua importância, enquanto elemento representante do patrimônio cultural imaterial chinês, presente no Brasil. Ainda, ao longo de nossa pesquisa, podemos entender esta arte marcial como um importante transmissor cultural. Que, mesmo enfrentando a necessidade de adaptar-se, tanto pela distância de seu local de origem e os diversos distanciamentos sócio culturais do local em que passa a se inserir, ainda preserva em seus ritos, uma vasta gama de

símbolos e signos da cultura chinesa, que são incorporados e transmitidos nos locais em que se busca esta arte marcial.

#### 4. CONCLUSÕES

Trabalhar com as múltiplas facetas da cultura e com as subjetividades dos sujeitos, representa um desafio imponente ao pesquisador. Para o caso do Kung Fu Louva-a-deus Tai Chi, este desafio toma uma dimensão muito particular, já que nosso desafio não se trata de um processo de patrimonialização, mas, de uma compreensão da dimensão cultural, de sua valorização através do reconhecimento e preservação pelo registro dos saberes da arte marcial.

Em nosso primeiro registo de entrevista, é notável, que a problemática do desaparecimento do Kung Fu, tanto dos conhecimentos quanto dos costumes que envolvem a arte marcial, é um fator que causa preocupação. A fala do mestre Li Hon Shui, expõe a dificuldade de adaptação do Kung Fu aos costumes e à contemporaneidade.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRAUS, Mariana Baruco Machado. **Kungfu/Wushu: Luta e arte**. São Paulo: Annablume, 2010.

CANDAU, Jöel. **Memória e identidade**. Traduzido por: Maria Letícia M. Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

GONDAR, Jô. **Cinco proposições sobre memória social**. In: Por que memória social? Amir Geiger [et al.]; Vera Dodebei, Francisco R. de Farias, Jô Gondar (Org.) — 1. ed. — Rio de Janeiro : Híbrida, 2016. p. 19-40.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Rio de Janeiro: Vértice, 1990.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Trad. de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998.